



A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros).	48000
OTOMETES (até ao fim deste anno)	32000
SFESTRE (26 numeros).	25000
NUMERO AVULSO.	1000
SUPPLEMENTO.	500
NUMEROS ATRAZADOS.	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS.	10000

Escriptorio, Rua Onvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira 11 de Julho de 1895

N.10

CIGARRAS

LA MARAGLIANO

La Maragliano, a formosa Clotilde, que tão largo successo tem feito nos palcos de opera, na Italia, é uma brasileira que, não contente com possuir dous olhos bellissimos, possui ainda uma bellissima voz.

Ha menos de 10 annos, sahiu ella de S. Paulo, — sua patria, — em busca da divina Italia. Emquanto estudou, a sua carreira foi uma longa serie de triumphos. Deram-lhe os conservatorios os seus melhores premios. E quando estreiou...

Ah! quando Clotilde estreiou, na Italia, cantando a opera de um mestre, a critica saudou-a com verdadeiro entusiasmo. E ella é actualmente uma das maiores cantoras da Italia.

Meus senhores! as brasileiras, quando dão para ser bonitas, são bonitas a valer. E, quando, sendo bonitas, dão para ter talento, então é que a gente vê o que é esta terra...

Dando hoje o retrato d'esta cigarra, (oh! uma verdadeira cigarra, filha do nosso estio, filha do nosso sol tropical!) mandamos-lhe d'aqui um punhado de flores, e uma revoada de beijos. Que a bella Clotilde, lá no meio dos seus triumphos, saiba que ha na patria quem lhe acompanhe, com applauso e orgulho, a victoriosa carreira artistica.





Ainda uma vez, vae esta chronica deixar de parte o sexo máo, o sexo pretencioso e brutal, que, por amor da politica, quebra cabeças actualmente, nas conturbadas ruas d'esta cidade. Homens, meus irmãos, ficai-vos com as vossas paixões! atolae-vos n'ellas, até o pescoço! e que Deus vos perdôe o crime de dar tão máo emprego aos dias poucos que a Natureza vos deu para o Amor e para a Arte.

Prefiro aproveitar o resto da minha existencia, mergulhando na doce contemplação das cousas que não são d'esta época maldita. Que me importa que as ideias dos outros, todas suando sangue e clamando vingança e coleras, andem a chocar-se barulhentemente? a minha ideia anda por outras bandas...

Tempos abominaveis! as mesmas mulheres d'esta rua do Ouvidor, que são o maior encanto da minha alma e dos meus olhos, andam agora de luto... Oh! a côr preta! uma mulher só deveria ter o direito de se vestir de negro depois dos sessenta annos, nessa idade em que o corpo já é um frangalho e a alma uma ruina. A côr negra! mas os proprios cemiterios são verdes, da côr da esperança... os cyprestes não são negros... não são negras as lapides que cobrem a podridão da morte! os proprios claustros,—esses cemiterios de vivos—são brancos, brancos como a Candura, brancos como a Alegria!

Que é que é negro na Natureza? Creio que Deus desmancharia o mundo, com um gesto de enfado e de nojo, se se tivesse esquecido de dar á Noite a ampla faixa branca da Via-lactea... Reparae bem! mesmo quando as noites se enturvam, quando as estrellas se apagam abafadas pelos bulhões da tormenta, quando não ha luar,—os pyrilampos cá em baixo se encarregam de retalhar a treva. A natureza tem horror ao negro, como tem horror ao vacuo. E dizer que ha mulheres que se vestem de negro! Minhas senhoras! não ha razão nenhuma que justifique essa abominação! uma mulher só se veste de negro quando morre, ou quando fica velha... o que é uma outra maneira de morrer.

Mas, onde estou eu? Não era para verberar o luto das fluminenses, que eu fugia da convivencia dos homens. Era

para falar de um bellissimo livro, que acabo de achar sobre a minha mesa de trabalho, n'esta funebre manhã. Lá em baixo, passam tropas, a passo lento, arrastadas á cauda de marchas funebres. A multidão remeche-se, toda vestida de negro. Uma grande melancolia pésa sobre a cidade.

Mas, folheando o volume dos *Marmores*, de Francisca Julia da Silva, fecho a alma ás tristezas da rua, e lá me vou embalado na correnteza destes versos, éras em fóra, caminho da idade de ouro, em que, na alma do mais rude dos homens, o amor do bello viçava, como uma planta sagrada.

Quando li, ha pouco mais de um anno, os primeiros versos de Francisca Julia, surpreendeu-me o seu estylo. Havia alli a demonstração de um culto entranhado da Fôrma,—culto que não tem muitos sacerdotes (ai de nós!) nos dias de hoje. Em regra os escriptores, que estão agora florescendo, cuidam que, para dar progresso á lingua portugueza, basta inventar palavras como quem inventa boatos. Quanto mais estapafurdia a palavra, mais bella!—é a profissão de fé dos novos. E a gente lê cousas, capazes de dar arrepios de medo a um frade de pedra!

Em Francisca Julia, surpreendeu-me o respeito da lingua portugueza. Não que ella transporte para a sua estrophe brasileira a dura construcção classica: mas, a lingua doce de Camões, trabalhada pela penna d'esta meridional,—que traz para a arte escripta todas as suas delicadezas de mulher, toda a sua faceirice de moça,—nada perde da sua pureza fidalga de linhas. O portuguez de Francisca Julia é o mesmo antigo portuguez, remoçado por um banho maravilhoso de novidade e frescura.

Depois, os seus versos não têm o falso pudor e a monotona lamuria, que, em geral, se encontram nos versos de mulheres que por ahi apparecem. Francisca Julia canta a antiga Belleza, desnudada ao sol, fulgurando, livre de véos hypocritas. De quando em quando, uma estrophe sua, como um grito de saudade e de angustia, saúda os tempcs gloriosos da Hellade; e ella pede á sua musa:

« Transporta-me, de vez, n'uma ascensão ardente,
A' deliciosa paz dos Olympicos Lares,
Onde os deuses pagãos vivem eternamente,

E onde, n'um longo olhar, eu possa vêr contigo
Passarem, através das brumas seculares,
Os poetas e os heróes do grande mundo antigo! »

Digam-me: parecem versos de moça?.

Ai! meninas que passaes a vida a esfregar as téclas dos pianos molles! senhoras que vos entregaes á politica, fundando e organisando batalhões para a defeza da Republica! — porque não vos entregaes antes, como esta moça, paulista, ao trato fino e consolador da Arte?

Dir-me-eis que a Arte entristece, e que esta moça, com o ganhar o segredo da Metrificação e do Estylo, ganhou apenas uma tortura. Quem sabe? A Arte entristece quando, forçada e atormentada, é uma busca anciosa do Ideal, uma vontade louca de devassar o eterno Mystério... Mas a Musa de Francisca Julia, (ella mesma a chama *Musa impassivel*) não têm essas aspirações nevroticas. A recordação da belleza de Venus, a leitura de meia duzia de versos de Homero, a contemplação de meia duzia de relevos da esculptura grega, bastam para lhe dar a alegria de viver. Que quer ella? Quer admirar a Formosura perpetuada pela Arte:

« Branca e herculea, de pé, n'um bloco de Carrara,
Que lhe serve de throno, a formosa esculptura,
Venus, tumido o collo, em severa postura,
Com seus olhos de pedra o mundo inteiro encara... »

Arte calma, arte consoladora, essa. Pois se mesmo agora, a mim, que estou mettido n'estas agitações politicas, acaba ella de me dar um par de horas de extase e ventura!...

Obrigado, Francisca Julia!

Fantasia

OS GRAMMATICOS

Era em 1890, em Lisboa. Um homem de raro talento e gentileza rara, artista erudito e fino, professor de Universidade, que occupa hoje alta posição no parlamento portuguez, jantara a meu lado, no *Bragança*. Eu andava curiosamente estudando Portugal, e aproveitara por isso, com avidéz, a conversa do meu illustre companheiro de mesa, que, em traços largos e rapidos, com uma admiravel precisão de critica, dava-me indicações geraes de tudo, indo da politica ás artes, dos costumes ás sciencias.

Terminára o jantar. E já nos despediamos, quando elle, gentilmente, propoz:

— Venha commigo. Vou presidir a assembléa constituinte de uma sociedade Propagadora da Instrucção. Não perderá o seu tempo: conhecerá alguns dos nossos homens de lettras.

Aceitei e partimos. Havia, na assembléa, grande numero de grammaticos: essa praga é tão commum em Portugal como no Brasil. Entre os presentes, notei um homem

forte, de cabellos basta, roupa mal cuidada, gestos espatifados. Perguntei quem era. Disseram-me o seu nome. Não o escrevo aqui, porque, apesar das legoas de mar que nos separam, póde o grammatico vingar-se de mim, fulminando a minha prosa com um dos raios da sua sabedoria suprema. E' o nome de um philologo conhecido em Portugal, como no Brasil, por varias obras.

Estava aberta a sessão. O presidente explicara o objecto da reunião, em um discurso caloroso, insistindo sobre a necessidade de derramar o ensino primario pela massa do povo portuguez. Toda a assembléa apoiou, concordando, com enthusiasmo, que essa necessidade era inadiavel e absoluta. Convenci-me, á vista d'esses bons desejos da assembléa, que d'ahi a um quarto de hora, no maximo, estaria a sociedade instalada. Enganei-me; não contava com a presença dos grammaticos.

O secretario, de pé, encetara a leitura do projecto de estatutos. Leu-se o primeiro artigo, arrastando a cauda dos competentes paragraphos, sem incidente. Mas, ao segundo artigo, notei que o philologo intonso, que ouvia attentamente, aconcheando a mão sobre a orelha, começava a dar signaes de uma agitação singular. Remechia-se na cathedra, sacudia a cabelleira, coçava a barba com frenesi. Não lhe tirei mais os olhos de cima.

Ao terceiro artigo, o homem cnegou a levantar-se, como para fallar. Mas conteve-se. Sentou-se de novo. Entregou-se de novo á sua agitação silenciosa. Mas, apenas havia o secretario iniciado a leitura do quarto artigo, quando o cabelludo grammatico, com uma voz que encheu de trovões toda a rua do Ouro, bradou: — Peço a palavra pela ordem, para lavrar um protesto!

Um espanto mudo paralysoou a assembléa. Para lavrar um protesto!... Attonito, o presidente deu-lhe a palavra. Elle pediu ao secretario que recommencesse a leitura do artigo.

E o secretario leu esta phrase, cujas palavras guardei fielmente:

— Sessões de assembléa geral, só quando forem de absoluta necessidade...

— Veja, Sr. presidente! — clamou o grammatico, levantando todo o vulto enorme, surgindo de entre as cabeças dos consocios como Adamastor de entre as aguas, e sacudindo o braço, n'um gesto que varria toda a sala, toda Lisboa, toda a Europa; — veja, Sr. presidente! até aqui, n'esta casa em que tantos luminares das lettras se reúnem, achou guardada este abuso da ellipse, que os jornalistas apressados inventaram para prejuizo da clareza das orações, para prostituição da divina forma grammatical!! Onde está o verbo d'essa oração, Sr. presidente? que fez d'esse verbo o auctor dos estatutos, Sr. secretario? porque não está esse verbo no seu logar, senhores? sim! pergunto á mesa, pergunto á assembléa, pergunto a todos os homens cultos, pergunto ao bom senso universal: onde está esse verbo, porque não puzeram ahi esse verbo?

A assembléa entreolhava-se assombrada; alguns dos assistentes abaixavam-se, examinavam o chão, a vêr se o maldito verbo se escondera debaixo das cadeiras. E o grammatico berrava, declarando que não socegaria, enquanto elle não puzessem para alli o seu verbo.

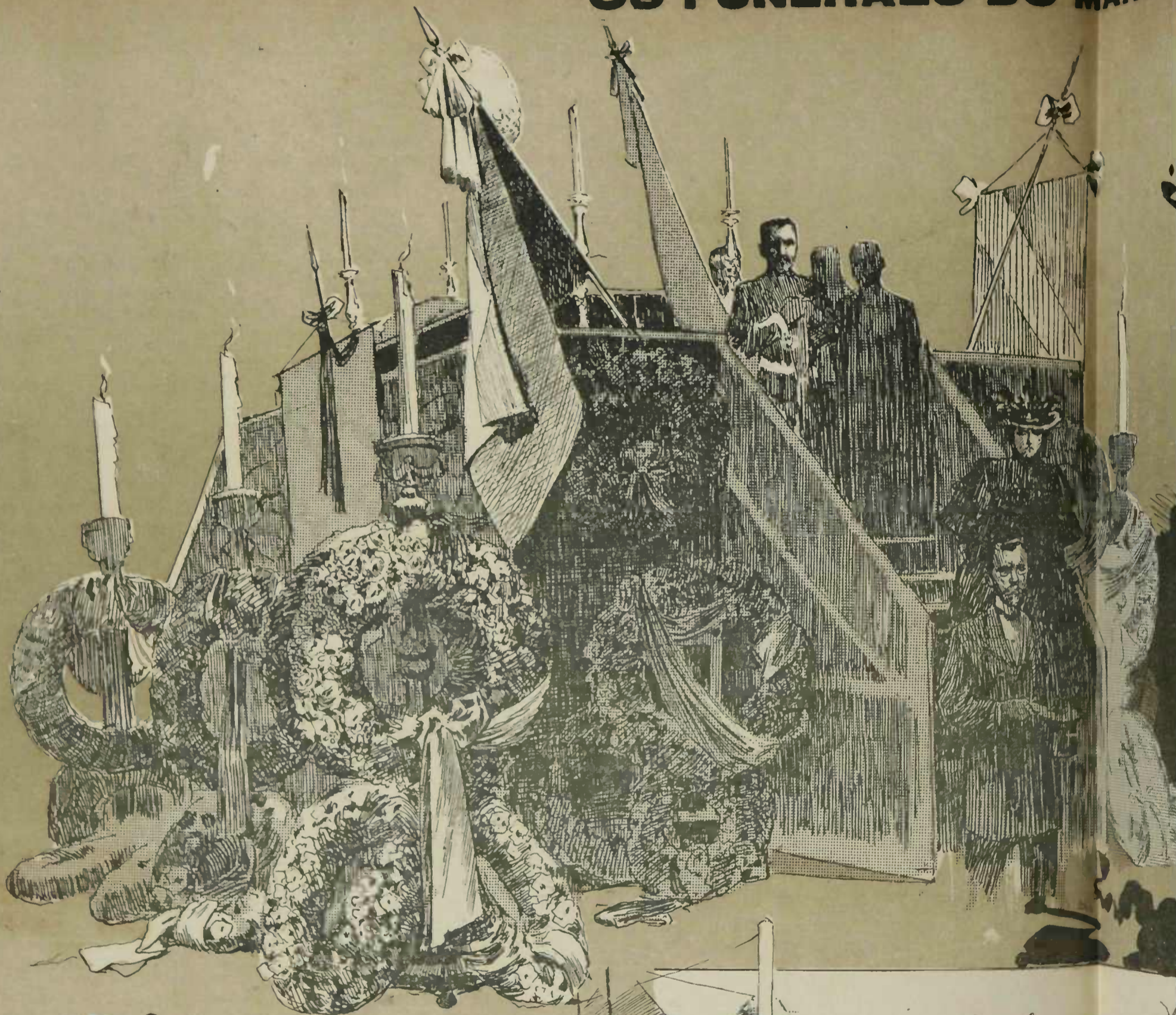
Foi uma cousa nunca vista. Por fim, o presidente declarou, conciliadoramente, que apesar de não reconhecer a necessidade da presença do maldadado verbo na oração, já bastante clara sem elle, — não punha a menor duvida em reparar essa falta, para não desgostar um tão conspicuo sacerdote da Grammatica. E a sessão ia entrar nos seus eixos, quando um outro grammatico, baixinho, pallido, magro, pediu por seu turno a palavra, e, verberando as exigencias do grammatico intonso, disse-lhe alli mesmo, em plena assembléa, muito desaforo pesado.

Então, todos os philologos presentes entraram na peleja. A casa vinha abaixo com a algazarra. As descomposturas estalavam e rebentavam, atordoadoras e mortíferas.

Esmurravam-se no ar preteritos-mais-que-perfeitos, engalinhavam-se interjeições, espatifavam-se adverbios, esfaqueiavam-se adjectivos. O presidente abalou pela escada, desesperado. Eu segui-o, com a alma em calefrios. E lá em cima, por longo tempo, acordando os visinhos, sacudindo o quartirão, espantando a noite, ferveu a refrega medonha, travada por causa de um verbo que ninguem sabia onde estava...

E nada se fez. Não se restituiu o verbo ao periodo, mas também não se fundou a Sociedade Propagadora da Instrucção. Pelas aldeias do Alemtejo e do Minho, como pelas

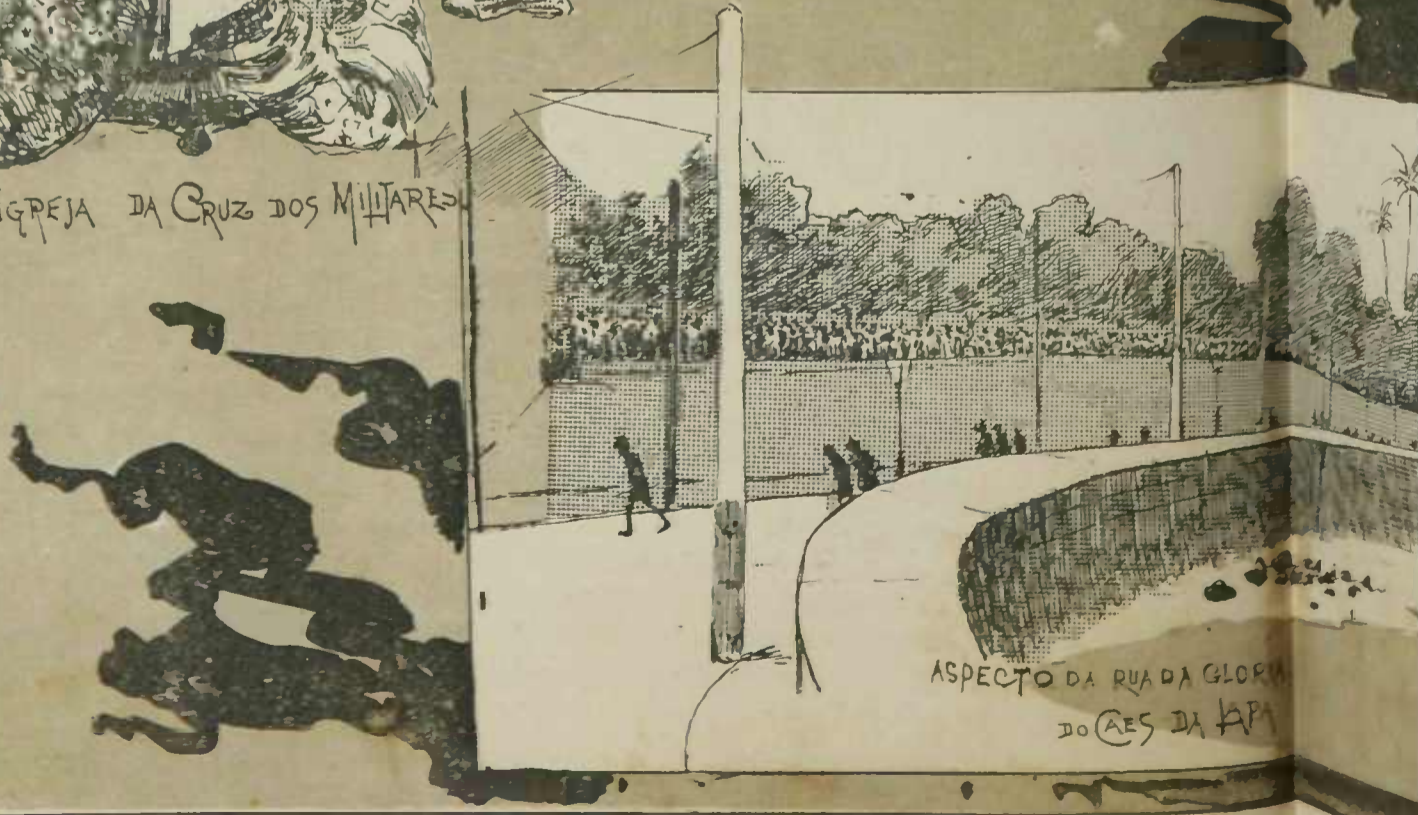
OS FUNERAES DO MAREC



○ CATAPALCO NA IGREJA DA CRUZ DOS MILITARES



em Bico foi logo



ASPECTO DA RUA DA GLORIA DO CAES DA AP

DO ARECHAL FLORIANO

W



TREGO DE RUA.
PASSEIO PUBLICO LAPA.



nossas roças de Goyaz e Matto Grosso, o povo continuou a não saber ler e a não imaginar o prejuizo que a falta de um verbo pôde causar á sua educação. E porque?

Porque uma ellipse indignára um grammatico intransigente: capaz de não pentear os proprios cabellos, mas incapaz de despentear a mais insignificante oração...

B.

TRISTEZAS A' BEIRA... DEFICIT, NA MUNICIPALIDADE



Hontem, terça-feira, 9 de julho, estava eu trabalhando, quando me vieram dizer que um senhor muito triste me queria fallar. Mandei que entrasse o triste. Pousei a penna, accendi um cigarro, e vi entrar a mais desconsolada figura que jámais viram meus olhos. Era um homem quarentão, decentemente vestido, correcto, de maneiras amaveis. Mas, que physionomia!

Havia nos seus olhos um tédio communicativo: aquelles olhos brilhavam, como brilha a chamma de uma lampada quasi a apagar-se. A sua barba, crescida, de quatro dias pelo menos, arrepiava-se; encolhiam-se-lhe as azas do nariz; repuchavam-se-lhe os cantos dos labios. A roupa, apezar de nova, vinha empoeirada e cheia de vincos; e o pello da sua cartola, mal assentado, tinha arranhões de revolta e de angustia. Não sei porque, vendo aquelle aspecto desolado, ardeu-me o nariz, arderam-me os olhos, e desatei a chorar.

Elle poz-se a chorar tambem,—um choro modesto, abafado, sacudido de soluços curtos. Meu Deus! que piedade me alagou o coração! Tomei-lhe as mãos, e perguntei-lhe em lagrimas:

— Que é isso? Tenha coragem! Que foi que lhe succedeu? Vamos! Diga! Perdeu toda a sua fortuna ao jogo?

— Não, senhor! não, senhor! cousa muito peor...

— Que foi, então? O alfaiate negou-lhe credito?

— Não, senhor! cousa muito peor...

— Ah! já sei! era fornecedor do exercito, e está triste com medo da paz, não é assim?

— Não, senhor! cousa muito peor...

— Leu o relatorio do ministro da Fazenda?

— Não, senhor! cousa muito peor...

— Oh! homem de Deus! morreu-lhe toda a familia?

— Não, senhor! cousa muito peor...

Santa Barbara! Cousa muito peor?! Que foi? Desem buche, com um milhão de diabos!

Então, o homem, de um jacto, como uma torre que desaba, cahiu nos meus braços. E clamou, com uma voz angustiosissima, em que todos os soffrimentos da terra choravam.

Ah! meu senhor! ah! meu senhor! eu sou... eu sou... empregado da Municipalidade!

— Oh! coitado! coitado! coitado! — gemi eu, abraçado a elle, fulminado pela revelação d'aquella grande desgraça... — Empregado da Municipalidade! mas é o meio mais seguro de morrer de fome, n'esta terra, desgraçado!...

Houve uma pausa. Depois, mais alliviado, o homem tornou: — E' exacto! morrer de fome... á força! A Municipalidade está arreventada... Enquanto não se arrecadar o imposto predial, fica a gente sem comer e sem pagar casa, ás voltas com os credores... Olhe: os cofres não teem vintem. Não ha dinheiro para pagar os conselheiros municipaes... quanto mais para pagar amanuenses e continuos!... Ai!

E levantou-se, estendendo-me a mão:

— Adeus!

— Onde vae o meu amigo? — indaguei.

— Vou para o emprego.

— Que emprego, homem? pois você ainda vae fazer trabalho que não lhe pagam?

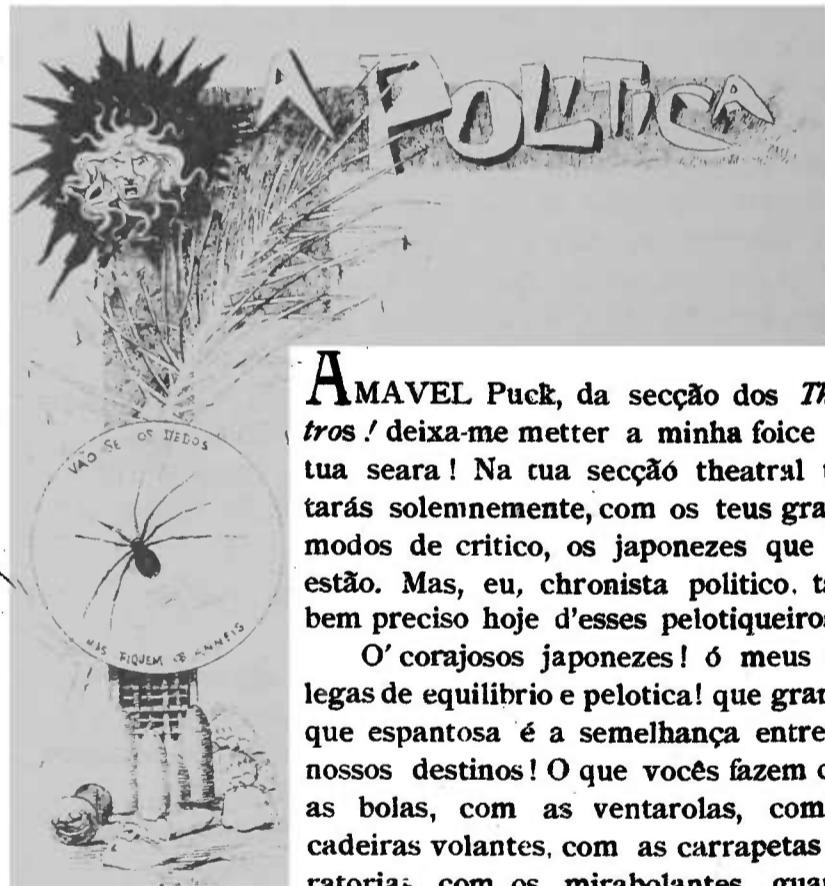
O homem, limpando os olhos, murmurou:

Ah! meu senhor! se a gente pede demissão, allegando o motivo de falta de pagamento, fica com a fama de inimiga da Republica, e vae para o xadrez.. Antes não comer e ser livre! Adeus! Eu só queria que o senhor escrevesse sobre isto um artigo, affirmando ter visto o homem mais triste da terra... Chóre, meu senhor, chóre em letra de fôrma!

E sahiu. A porta por onde elle passou desfez-se em pranto. Os degrãos da escada que elle pisou encheram-se de repuchos de lagrimas.

E eu escrevi este artigo funebre, e ainda estou aqui chorando como uma cachoeira.

O.



AMAVEL Puck, da secção dos Theatros! deixa-me metter a minha foice na tua seara! Na tua secção theatral tratarás solemnemente, com os teus graves modos de critico, os japonezes que ahi estão. Mas, eu, chronista politico, tambem preciso hoje d'esses pelotiqueiros.

O' corajosos japonezes! ó meus collegas de equilibrio e pelotica! que grande, que espantosa é a semelhança entre os nossos destinos! O que vocês fazem com as bolas, com as ventarolas, com as cadeiras volantes, com as carrapetas gyatorias, com os mirabolantes guardasões de papel, com as facas que se baralham no ar,—faço eu com os assumptos politicos. E não sei que esforço é maior: se o de vocês, equilibrando punhaes, que ao menor descuido podem ferir quem os equilibra, se eu, tratando de cousas que, á menor imprudencia, me podem render uma sóva,—quando não me rendam alguma cousa mais seria.. Mas, o nosso destino é o mesmo.

X

No theatro, quando um de vocês, no alto de uma escada oscillante, faz rodar, á ponta de um fragil bambú, toda uma montanha de cousas varias,—o espectador applaude com entusiasmo, mas não se lembra de que põe a vida em perigo quem assim o diverte. Não de outro modo, quando, depois de impressa esta *Politica*, os fluminenses a leem,—nenhum d'elles se lembra dos apuros terriveis, das colicas

dolorosíssimas em que me vejo, á hora em que venho para esta meza de trabalho como um condemnado á morte para o patíbulo.

Ah! ninguem sabe, como eu, o perigo que corre quem escreve n'estes tempos! Porque, hoje, fallar bem de alguma cousa é crime! Fallar mal, é crime! Ficar callado, é crime!

X

Eu, quando agora acordo, com os olhos ainda turvos do somno, corro aos jornaes, a vér se, nos artigos que na vespera escrevi, ha alguma cousa que me possa merecer o odio das massas e uma subsequente condemnação a lynchamento. E, á noite, quando me recoitio, apálpo cuidadosamente o meu corpo, afim de verificar se, tendo atravessado as turbas escaldadas, trago todos os meus membros nos seus respectivos logares.

X

Este agora é o destino, amigos japonezes, de quem tem a triste obrigação de escrever sobre politica. As massas não querem que se tenha uma opinião. Quem diz que é uma infamia mutilar e queimar o cadaver do inimigo morto em combate, arrisca-se a receber uma meia duzia de tiros de revolver, —cousa que não é de todo agradável. E nós com medo das massas, vivemos a executar uma alta acrobacia perigosa, que nos póde mandar de uma hora para outra fazer uma visita ao diabo. Porque, emfim, quem tem duas opiniões, desgosta dois partidos...

A chronica politica é hoje uma corda bamba. Desgraçado do chronista que não traz bem equilibrado o seu bastão regulador! desgraçado do chronista que pende para qualquer dos lados, tendo o desaforo de emittir uma opinião pessoal!

O que é preciso é dizer que Fulano morreu como um heróe, mas que Sicrano, no campo de batalha, tambem morreria como um semi-deus: que o céu é uma delicia, mas que o inferno tambem não é máu, sem fallar no Purgatorio, que tambem tem as suas boas qualidades; é preciso, emfim, ser como o camaleão:

com a cabeça dizer sim,
com o rabinho dizer não!...

Ah! que remedio!--Andam dizendo por ahi que não tenho vergonha, porque, n'*A Politica* do passado numero d'*A Cigarra*, quiz contentar ambos os partidos, accendendo uma vela a Deus e outra ao diabo. E' verdade! e notem que ainda tenho em casa uma provisão extraordinaria de vélas, que, sendo preciso, accenderei a Mithra, a Baal, a Jove, a Tupan, a Teutatès, a Vichnou, e a todos os deuses, e a todos os diabos.

Não tenho vergonha? grande novidade! eu, se tivesse vergonha, estaria amassando barro, carpintejando páus, britando pedras, pintando casas, cozendo sapatos, fazendo qualquer cousa honesta que não fosse escrever sobre politica... Mas, se todo o mundo tivesse vergonha, quem se encarregaria de ser politico nesta terra, santo Deus?!

Não tenho vergonha! Mas façam-me o favor de dizer para que havia eu de querer ter vergonha, se passo tão bem sem ella, e se, no andar em que vou, tenho a certeza de chegar brevemente ás mais altas posições do Estado? Não tenho vergonha! mas eu, se tivesse vergonha, já teria sido fuzilado cem vezes!...

X

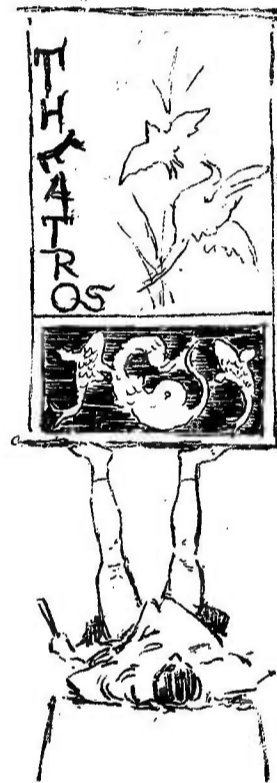
Nada! Já sei que corro terriveis perigos, dando-me ao exercicio da acrobacia politica, nesta columna d'*A Cigarra*. Mas, já agora, nasci para isto.

Tambem vocês, amigos japonezes do *Lyrico*, correm perigos incalculaveis, e arriscam-se, a cada passe de pelotica, a quebrar o pescoço. Mas é preciso ganhar a vida, não é assim? vergonha não se come; com vergonha não se paga a casa; com vergonha não se sacia a gula aspera dos creadores. Tenha vergonha quem não tiver mais que fazer... Eu, por mim, prefiro estar bem com S. Pedro e Belsebuth, e...

X

por isso tomei luto.

L. F.



Lembraes-vos ainda de que vos haviam promettido uma bella companhia lyrica para este anno? Ah! meus amigos! não quizestes desamarrar os cordões da bolsa, e ficastes sem a Darclée e sem a Pacini.

Parece que foi realmente por ironia que, em vez da companhia lyrica que desprezastes, dão-vos agora, no *Lyrico*, os espectaculos de uma companhia de pelotiqueiros, contorcionistas, equilibristas, gymnastas, malabaristas, jongleurs, voadores, aereos, funambulos, e não sei mais o que...

Emfim, o que consola a gente é que essa grande companhia Imperial Japoneza é realmente admiravel.

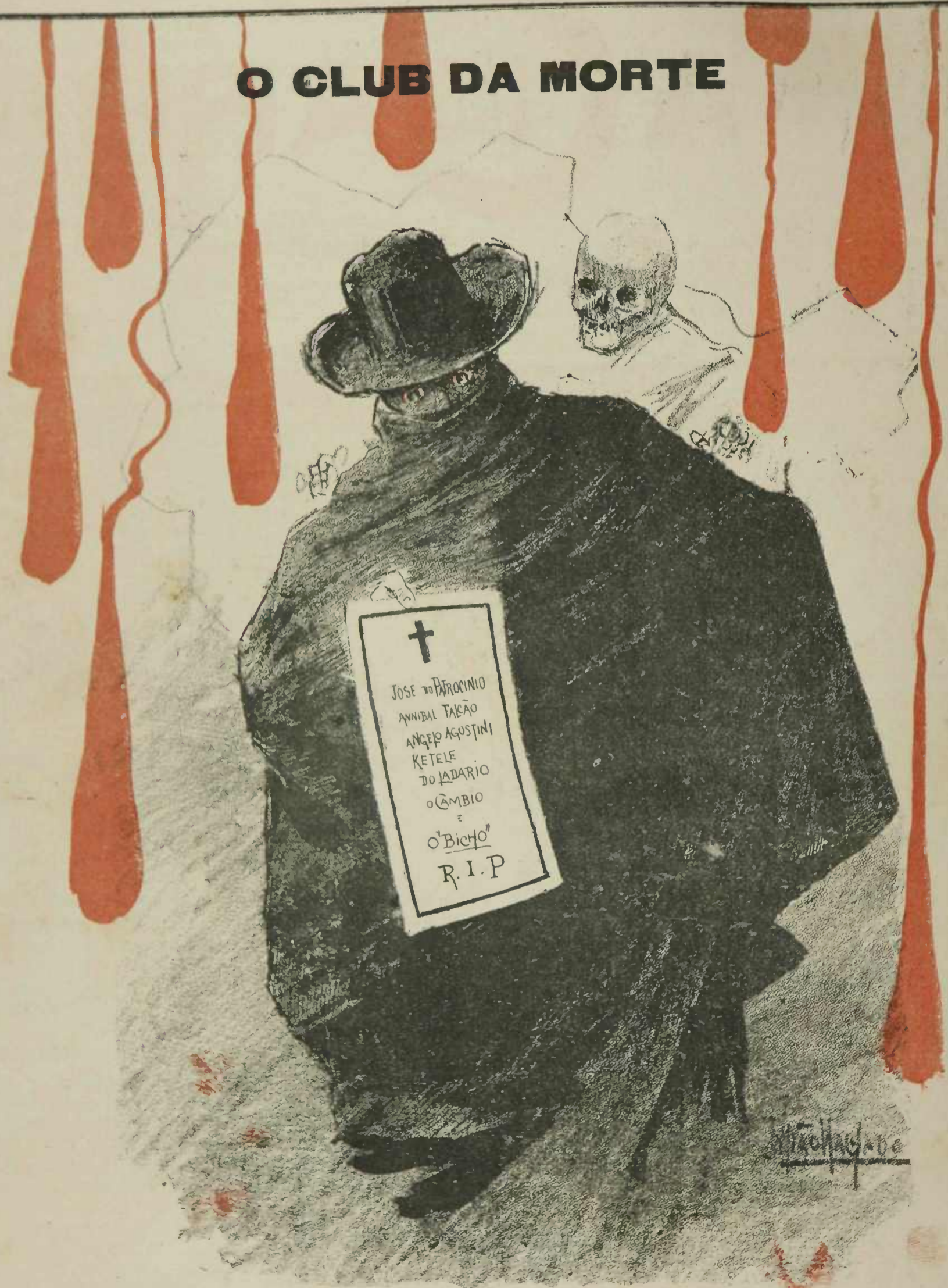
Raras vezes tem vindo ao Rio de Janeiro uma tão bella e tão habil sucia de subditos do Mikado. E que bom meio de passar uma bella noite! A gente encontra alli tanta cousa que se parece com a politica actual!

Emfim, não posso alongar-me mais sobre isto. O meu illustre collega L. F., d'*A Politica*, já me communicou que precisa muito d'estes japonezes.

Para que? Não sei. Só Deus póde saber que cousas incompreensiveis ha na cabeça de um d'estes jornalistas politicos!...

Such.

O CLUB DA MORTE



Consta que varios cidadãos se reuniram em Club Negro, destinado a eliminar pelo punhal, pelo revolver e pelo veneno os inimigos da tranquillidade publica. Os abaixo assignados lembram timidamente a esses cavalheiros que, enquanto estão com a mão na massa, bem podem eliminar tambem alguns dos seus credores, — podendo mesmo os supplicantes fornecer secretamente ao comité uma lista dos mais implacaveis

Clavof Bica *Julio Kashed*